

“Em busca da Curitiba perdida”:

Os mecanismos da construção de uma identidade curitibana

Vanessa Maria Rodrigues Viacava¹

A partir da década de 1990 a cidade de Curitiba passou a ser reconhecida nacional e internacionalmente como *capital ecológica* e de primeiro mundo. Um exemplo de sucesso de projeto urbanístico a ser seguido por outras capitais. As primeiras ações ambientais propriamente ditas surgiram timidamente na Curitiba dos anos 1970, para se firmarem definitivamente na década de 1980 e 1990, principalmente nas gestões Jaime Lerner e Rafael Greca. Tais qualidades atribuídas a cidade de Curitiba – embora questionadas por alguns analistas – foram adotadas por grande parte dos moradores da cidade que optaram por se imaginarem parte integrante e integrada desse processo modernizador. Durante os governos urbanistas identificados com o Lernerismo, Curitiba conheceu um significativo aumento populacional, certamente imigrantes atraídos pelo marketing da *capital ecológica*. Nos anos 1990 grandes obras foram realizadas e embelezaram a cidade, entre elas, a Ópera de Arame, o Jardim Botânico e os diversos parques. Essas obras, em certa medida, concluíram um eficiente projeto urbanista iniciado nas décadas de 1960 e 1970, proporcionando a *cidade sorriso* um acabamento estético sofisticado.

Palavras chave: Curitiba, paranismo, identidade, políticas culturais.

*(...) não te reconheço Curitiba a mim já não
conheço / a mesma não é outro eu sou / (...)
Curitiba oficial enjoadinha ufanista / toda de
acrílico azul para turista ver (...) / não me toca
a tua glória dos fogos de artifício / o que vejo
na mídia é tua alminha violada e estripada/
(...)/ Curitiba foi não é mais.*

Dalton Trevisan

A partir da década de 1990 a cidade de Curitiba passou a ser reconhecida nacional e internacionalmente como *capital ecológica* e de primeiro mundo. Um exemplo de sucesso de projeto urbanístico a ser seguido por outras capitais. As primeiras ações ambientais propriamente ditas surgiram timidamente na Curitiba dos anos 1970 (com o primeiro

¹ Historiadora e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná (PPGAS-UFPR). Orientação professora Dr^a Selma Baptista.
Pesquisa em andamento: **Samba quente, asfalto frio: práticas e representações do carnaval curitibano.**

governo Jaime Lerner de 1971 a 1974), para se firmarem definitivamente na década de 1980 e 1990, principalmente nas gestões Jaime Lerner e Rafael Greca ². Tais qualidades atribuídas a cidade de Curitiba – embora questionadas por alguns analistas ³ – foram adotadas por grande parte dos moradores da cidade que optaram por se imaginarem parte integrante e integrada desse processo modernizador.

Durante os governos urbanistas identificados com o Lernismo Curitiba conheceu um significativo aumento populacional, certamente imigrantes atraídos pelo marketing da *capital ecológica*. Nos anos 1990 grandes obras foram realizadas e embelezaram a cidade, entre elas, a Ópera de Arame, o Jardim Botânico e os diversos parques. Essas obras, em certa medida, concluíram um eficiente projeto urbanista iniciado nas décadas de 1960 e 1970, proporcionando a *cidade sorriso* um acabamento estético sofisticado. Em uma cidade acostumada a reformas urbanísticas desde os anos 1950 nos interrogamos sobre os mecanismos de construção dessa identidade curitibana.

As ações positivas do planejamento e das intervenções urbanas, ao passarem uma imagem do ‘povo capaz de construir uma cidade de primeiro mundo’, vencem (ou pelo menos obscurecem) o senso de provincianismo presente no imaginário da cidade. Este parece ser o maior resultado de tais políticas, formando um *ethos* metropolitano em apenas uma geração. Ou seja, através do recurso a um conjunto de **traços identitários típicos do curitibano médio**, combinado às transformações concretas na paisagem da cidade, construiu-se um **sentido de pertencimento**, associando estreitamente identidade espacial à identidade social.⁴

As ações urbanísticas concretizadas pelos governos Lernistas foram mecanismo decisivos para a construção de uma identidade curitibana. Para a apresentação desse artigo, sugerimos uma aproximação com os conceitos de Fredrik Barth: “A realidade de todas as pessoas é composta de construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis. Esse consentimento, ao que tudo indica, está incrustado em representações coletivas: a linguagem, as categorias, os

² OLIVEIRA, Márcio de. *A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000)*. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, 16. jun. 2001. p. 97.

³ OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

⁴ BEGA, Maria Tarcisa S. *Planejamento – Espetáculo e a construção do cidadão - consumidor: as imagens de Curitiba*. Curitiba, 1998. digit. **grifo meu**.

símbolos, os rituais e as instituições.”⁵ A noção de *consentimento* nos sugere uma abordagem diacrônica dos processos de construções identitárias de Curitiba. Nesse sentido, pensamos a cidade como uma *comunidade imaginada*⁶ criada a partir de discursos e de ações urbanísticas que procuraram estabelecer um sentimento de pertencimento a uma identidade coletiva.

A cidade sorriso

Nas primeiras décadas do século XX Curitiba procurava se modernizar. Graças a produção de erva-mate os moradores de capital paranaense experimentam uma vigorosa mudança na paisagem urbana. No centro da cidade os bondes puxados a cavalos passam a ser substituídos por modernos bondes elétricos e surgem os primeiros cinemas e teatros. Recuperou-se o Passeio Público e os freqüentadores puderam usufruir o seu carrossel, as gôndolas para passeios no rio e o quiosque para botequim. No Batel, o Parque da Cervejaria Cruzeiro proporcionava à população espaço para o saudável hábito da ginástica. E no Colyseo Coritibano, um parque de diversão se abria aos prováveis usuários, congregando cinema, patinação, tiro ao alvo, bandas e um esplêndido serviço de botequins. “À noite, funcionavam os salões de dança e os cafés-concerto: em Curitiba eram conhecidos o Parisiense e o Tigre Royal. (...) Entretenimentos de uma sociedade que se industrializava e onde se opunham lazer e trabalho, pausa e rotina, dever e liberdade”.⁷

A partir dessa reorganização do espaço urbano da cidade, Curitiba adquiria contornos modernos e civilizados⁸, onde a esfera pública e privada se distanciavam. A

⁵ BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 111.

⁶ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

⁷ ANDREAZZA, Maria L.; TRINDADE, Etelvina M. de C. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. p. 74.

⁸ Para Norbert Elias, a interdependência das pessoas resulta uma ordem muito *sui generis*, que é mais compulsiva e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas individuais que a compõem. A partir do momento em que o indivíduo nasce nesta ordem, ele passa a ser condicionado por ela com mais ou menos sucesso, o que não significa tratar-se de um determinismo cultural. O indivíduo possui a liberdade de ação num espaço definido culturalmente, numa ordem social que não inibe sua individualidade, mas possibilita-a.. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes** - Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

configuração provinciana da antiga quinta comarca do estado de São Paulo ficava no passado. Em 1914 Nestor Victor elogiava publicamente os novos hábitos dos curitibanos:

Vejam que diferença entre o porte destas senhoras agora e o ar acanhado, profundamente provinciano que elas tinham, em geral, há vinte ou trinta anos atrás... o que eu vira das damas via analogamente nos homens: estes estavam ganhando outro andar, outra atitude, muito mais cidadã que a de outrora. Sensível melhora no vestir masculino, todos de barba feita como no domingo de antigamente...E eu notava que os cumprimentos agora já eram mais comedidos e sobretudo menos familiares, sem a incômoda faceta igualitária de aldeia a que todos tinham que se submeter ainda há vinte anos atrás⁹.

A criação da primeira universidade do país em 1912 configura-se como uma proposta de acompanhar intelectualmente o crescimento econômico e a modernização de Curitiba. Um grupo de intelectuais liderados por Rocha Pombo e Victor Ferreira do Amaral concretizaram em 1914 a Universidade do Paraná. No entanto, reformas educacionais da década de 1920 impediram o funcionamento da universidade. Os diversos cursos foram desmembrados em faculdades isoladas. Apenas em 1946 a universidade se reintegraria graças ao empenho do então interventor do estado, o professor e historiador Brasil Pinheiro Machado.

Na década de 1930 a imprensa curitibana identificava a cidade como síntese intelectual e moderna do estado do Paraná. Medidas de segurança, de saúde e urbanas tomadas pela administração municipal procuraram disciplinar a sociedade, uma *produção de indivíduos*¹⁰ estética e politicamente saudáveis. Em outras palavras, a fabricação do sorriso da cidade.

Hoje Curitiba é, cidade modernizada, transfigurada, ostentando bulício, exibindo atrativos esportes, teatros concorridos, reclames luminosos, autos chiques e disparadas, fraturando pernas e costelas;

⁹ VICTOR, Nestor. *apud*. ANDREAZZA; TRINDADE. *op. cit.* p. 73.

¹⁰ Para Elias ninguém é um 'eu' separado de um 'nós'. "Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de uma sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota na linguagem comum que o indivíduo compartilha com os outros e que é, certamente um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia inconfundível que brota da escrita social. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 187.

artimanhas políticas, paixões partidárias, em suma, é **cidade sorriso**, princesa do sul, noiva eterna da graça e da beleza. (**Ilustração Paranaense**. Curitiba, março de 1931)¹¹.

Curitiba passa a ser considerada um modelo a ser seguido pelo Paraná e um grupo de artistas e intelectuais curitibanos organizam a primeira tentativa de integrar culturalmente o estado. Romário Martins¹² liderou essa iniciativa através das revistas *Ilustração* (1927-1930) e *Divulgação* e do *Centro Pananista*. “O paranismo seria o ideário que estaria trilhando os rumos de um Paraná avançado, guiado pelos princípios da justiça, do trabalho, da ordem, da civilização, pelas realizações intelectuais e artísticas. Os ideais paranistas estariam, de certa forma, projetando a sociedade paranaense rumo ao futuro”.¹³ Zaco Paraná, Lange de Morretes, João Turim e Theodoro de Bona, entre outros, foram os grandes artistas do movimento paranista e elegeram o pinheiro como símbolo de nossa identidade paranaense formada a partir da síntese de diversas etnias européias. Durante a década de 1930 o movimento perde força, em especial a partir da ditadura do Estado Novo, quando Getúlio Vargas reprimia regionalismos de qualquer natureza¹⁴.

Nas décadas de 1930 e 1940 o norte do Paraná seguia seu próprio caminho rumo ao desenvolvimento econômico. Os paulistas haviam organizado a exploração desse território a partir da produção de café. A indústria da erva-mate entrava em decadência, mas a cidade de Curitiba continuava a ser a capital não apenas administrativa, como também cultural do Paraná. O então interventor do Paraná, o historiador Brasil Pinheiro Machado defendia a condição da cidade de Curitiba como “o centro social de irradiação que constituiu a individualidade da comunidade paranaense”¹⁵. Em fevereiro de 1930 na coluna chamada

¹¹ ANDREAZZA; TRINDADE. *op. cit.* p.100.

¹² SVARÇA, Décio R. **O forjador**: ruínas de um mito. Romário Martins. (1893-1944). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

¹³ LOURENÇO, Sônia R. **Poty**: o artesão da gravura. A trajetória de um viajante moderno. Dissertação de Mestrado. PPGAS-UFPR. Curitiba: 2001.p. 120.

¹⁴ Em 1933 Gilberto Freyre lança **Casa-grande & senzala**, obra que inaugura e sintetiza o conceito de ‘democracia racial brasileira’ a luz da antropologia cultural norte-americana. O povo brasileiro seria o resultado da harmônica mistura entre europeu, índio e negro. Embora criticada, a obra de Freyre não deixa de ser inovadora ao recusar as teorias eugenistas do século XIX – defendida por antropólogos como Roquette Pinto e Nina Rodrigues – e valorizar o elemento africano na formação do Brasil. ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005. LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

¹⁵ NADALIN, Sérgio O. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001. p. 50.

Instantâneos Paranaenses do jornal *A Ordem* do Rio de Janeiro, Pinheiro Machado apresentava sua ansiedade em estabelecer uma identidade do estado do Paraná:

O Paraná é um Estado sem relevo humano. Em toda a história do Paraná nada houve que realmente impressionasse a nacionalidade. Nenhum movimento com sentido consciente mais ou menos profundo. Nenhum homem de Estado. Nenhum sertanista. Nenhum intelectual. Nem ao menos um homem de letras, que saindo dele, representasse o Brasil. (...) A história e a geografia não tiveram forças bastantes para afirmarem o estado do Paraná. Ela se resumiu na conquista anônima da terra e na colonização (iniciativa de fora) sobre a selvageria, a semi-civilização ou o deserto. E depois da época dos bandeirantes ela dormiu até a imigração estrangeira. O aspecto geográfico, de pleno acordo com a história, é formado de trechos de toda a configuração do Sul do Brasil.¹⁶

Para o historiador Brasil Pinheiro Machado o Paraná estaria dividido em *Paraná Tradicional* (Curitiba, Campos Gerais e Litoral) povoado entre os séculos XVII e XIX, e o *Paraná Moderno*, com povoamento paulista no norte para a organização das plantações de café e nas regiões sudoeste e oeste ocupado por famílias gaúchas ocupadas na extração da madeira.¹⁷ A partir dessas diferenças internas, o estado deveria encontrar uma unidade: “(...) o problema relevante que se coloca hoje na história do Paraná, é o da integração dessas comunidade”¹⁸. Embora Pinheiro Machado acreditasse na possibilidade de um Paraná integrado, o dualismo *tradicional/moderno* cristalizou-se nos estudos históricos paranaenses.

As populações do Paraná tradicional passaram a considerar os nortistas como adventícios que vieram se apoderar das riquezas do estado, sem se interessarem por suas tradições. Os nortistas por seu turno avaliavam as gentes do sul como possuidoras de pouca iniciativa, atribuindo-lhes apêtos perjurativos. Era o conflito natural entre os tradicionais e os pé-vermelhos do norte.¹⁹

Curitiba procurou legitimar sua condição de centro político-administrativo do estado do Paraná e se apresentar como *tradicional* em contraste a cidade de Londrina. Dessa forma, sugerimos uma aproximação com as análises sobre etnicidade propostas por Fredrik

¹⁶ PEREIRA, Luís Fernando L. **Paranismo** : o Paraná inventado. Cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998. p. 16.

¹⁷ BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

¹⁸ *Idem*. p. 264.

¹⁹ WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988. p. 271.

Barth. Para o antropólogo norueguês “a definição de pertenças e o estabelecimento de fronteiras simbólicas entre grupos étnicos acontece a partir da necessidade dos atores produzidas em circunstâncias particulares, tanto interacionais como históricas, econômicas e políticas, sendo, portanto, altamente situacionais e não primordiais”.²⁰ O termo *tradicional* sugere a antiguidade de Curitiba em relação a Londrina, sendo a identidade uma construção relacional, a dualidade *tradicional/moderno* se apresentou decisiva para formação de uma identidade curitibana.

Nos anos 1950, o discurso sobre Curitiba modificou-se e passou a divulgar a modernização como tributária da imigração de origem européia. O lançamento da obra **Um Brasil diferente** do crítico literário Wilson Martins em 1955 nos parece paradigmático. Inspirado em **Casa-grande & senzala**, Martins sugere a existência de um *homem paranaense*, formado por “elementos polonês, ucranianos, alemão, italiano e os ‘pequenos grupos’, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante”²¹. Para Wilson Martins o estado do Paraná não conheceu o processo de escravidão,²² dessa forma, seria um Brasil diferente daquele descrito por Gilberto Freyre.

Não houve escravatura no Paraná (...) Ele [Saint-Hilaire] poderia acrescentar que esse belo tipo físico, corado e de cabelos castanhos se distinguia, ainda, dos demais brasileiros, por um traço de fundamental importância: não se misturava com o negro existente em reduzidíssimo número em toda a província no decorrer da sua história, e que por isso não chegou a invadir sexualmente os hábitos desses rústicos senhores primitivos.²³

Wilson Martins defendia a existência de um Paraná branco e europeu. Ao contrário do Brasil descrito por Gilberto Freyre, o paranaense não se apresentava como o resultado da miscigenação das três raças formadoras do povo brasileiro. Para Freyre “todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra,

²⁰ BARTH, Fredrik. *Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade*. In: GOVERS, Cora; VERMEULEN, Hans. **Antropologia da etnicidade**: para além de *ethnic groups and boundaries*. Lisboa: Edições Fim de Século, 2003. p.20

²¹ MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre o fenômeno da aculturação no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial. s/d. p. 122.

²² O tripé ‘latifúndio-patriarcalismo-escravismo’ deixou traços igualmente profundos na sociedade paranaense; no entanto, algumas tradições historiográficas têm como referência uma sociedade ‘loura’ no Paraná, constituindo um ‘Brasil diferente’, e isso marcou posição numa parcela da intelectualidade paranaense. NADALIN. *op. cit.* p. 18.

²³ MARTINS. *op. cit.* P. 141.

ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.”²⁴ No caso do estado do Paraná a mistura de raças foi nula e como resposta a afirmação do antropólogo pernambucano, Martins afirmava: “no Paraná, pode-se dizer que não há brasileiro (...) sem uma gota de sangue estrangeiro.”²⁵ Entre os grupos étnicos que ocuparam o Paraná estavam os alemães, poloneses, ucranianos, italianos, sírio-libaneses e japoneses. Entre esses imigrantes, os alemães representavam o elemento com maior dinamismo econômico, eram empreendedores e preferiam viver nas cidades.²⁶ A síntese do povo paranaense descrita por Martins recriava, em certo sentido, um discurso eugenista do século XIX. A substituição da mão-de-obra escrava africana favoreceu os processos de imigração. No Paraná a chegada do europeu tinha como objetivo não apenas o de preencher os vazios territoriais, mas “tonificar o organismo nacional abastardado por vícios de origem e pelo contato que teve com a escravidão”²⁷. Os morigerados e laboriosos europeus serviriam como mecanismo de melhoramento da raça e conduziram o Paraná rumo ao progresso.

(...) morigerados eram aqueles que compartilhavam um ideário da positividade e da acumulação. Também eram morigerados aqueles que sabiam comportar-se dentro de determinadas regras de etiqueta consideradas civilizadas. Não morigerados eram aqueles que contrariavam esse ideário e essas regras, portanto, a grande maioria da população paranaense que ao longo do século XX será levada a morigerar-se.²⁸

As afirmações de Wilson Martins apresentavam a imagem de um Paraná integrado, unido pelos processos das imigrações européias. As premissas do movimento paranista²⁹

²⁴ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2004. p. 367.

²⁵ MARTINS. *op. cit.* p. 346.

²⁶ Gilberto Freyre enfatiza o elemento africano na formação do Brasil. “Os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários da enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação agrária brasileira, os índios, e sob certo ponto de vista, os portugueses, a mão esquerda. FREYRE. *op. cit.* p. 390.

²⁷ NADALIN. *op. cit.* p. 72.

²⁸ PEREIRA, Magnus. R. de M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Editora UFPR, 1997. p. 12.

²⁹ “Entre os anos de 1946 a 1948 um grupo de artistas plásticos e escritores liderados por Dalton Trevisan organizaram a revista *Joaquim*. “Enquanto a intelectualidade se chamava de paranista, tomando os pinheiros, as paisagens locais e os pontos de história do Paraná como temática única, a *Joaquim* era representada por uma geração com atitudes de vanguarda, de visão crítica ao pensamento social paranaense”. LOURENÇO. *op. cit.* p. 49.

mostravam-se vivas e contemplava antigas aspirações da intelectualidade paranaenses. Em 1928, Brasil Pinheiro Machado anunciava em forma de poesia as especificidades do Paraná.

O brasileiro nortista que chegava / Dizia que aquilo não era Brasil / Que aquilo era uma aldeia russa.
/ Que o verdadeiro Brasil estava lá no Amazonas / Lá no nordeste / Lá no sertão de Canudos / Onde os
homens eram de bronze / O ano todo era verão / E as casas todas tinham só linhas curvas / Que não podia ser
Brasil onde houvesse geada até o meio-dia / (...) / Só que o brasileiro do norte que chorava a desbrasilidade do
sul / Não notou que quando parava o seu fordinho na estrada esburacada / E apeava para pedir água ou
comprar fruta na chacinha em frente / O polaquinho / O russinho / O alemãozinho / O italianinho / Nascido
ali / traduzia o pedido do viajante pro pai e do pai pro viajante / Numa língua igualzinha à dos caboclos de cor
de bronze amulatado / Sem regra de gramática portuguesa, graças a Deus!³⁰

A capital ecológica

A partir do desenvolvimento econômico sustentado basicamente pela cafeicultura, o governador Bento Munhoz da Rocha Netto realiza várias obras em Curitiba para marcar as comemorações do Centenário da Emancipação Política do Paraná em 1953. Os administradores de Curitiba procuram enfatizar a importância da cidade como lugar do poder e, dessa forma, distanciar qualquer possibilidade de perder a condição de capital do estado do Paraná. Essa materialização monumental concretizou-se na construção do Centro Cívico e um conjunto de obras: o Teatro Guaíra, a Biblioteca Pública, o Colégio Tiradentes, avenidas de acesso ao Centro Cívico, a Praça do Centenário e o Monumento do Centenário. A praça 19 de Dezembro recebeu a estátua para simbolizar o *homem paranaense*.

Muitas críticas da época apontavam os traços africanos da estátua, que, tendo sido idealizada para representar o “homem paranaense”, não deveria, para os seus detratores, apresentar essas características, já que a mística do movimento paranista desde algumas décadas removera a contribuição africana da constituição do paranaense, que, para eles, seria o resultado da fusão das “raças” portuguesa e indígena³¹.

³⁰ MACHADO, Brasil P. **Poemas seguidos de dois ensaios**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001. p. 36.

³¹ CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Esculturas públicas em Curitiba e a estética autoritária*. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, 25. nov. 2005. p.65.

O processo de planejamento urbanístico da cidade de Curitiba iniciou-se em 1962, quando Ivo Arzua se elegeu prefeito da cidade. O plano Agache³² foi levado a um grupo de engenheiros e arquitetos para ser avaliado, entre eles estava Jaime Lerner. Com essa finalidade, Arzua criou em 1963 a Companhia de Urbanização de Curitiba (URBS) e em 1964, a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR) e decidiu financiar a revisão do Plano Agache. Realizou-se um concurso público e foi vencido pela Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda que decidiu contratar a Jorge Wilhelm Arquitetos Associados de São Paulo. O projeto de urbanização pautava-se nas premissas da modernização humanista. A cidade deveria ser organizada para o homem e não para os automóveis, foram criadas vias expressas exclusivas para o transporte coletivo e a rede de ônibus passou a ser integrada de transporte (RIT). A cidade se organizou em áreas destinadas ao comércio e indústria. Todas essas realizações se concretizaram graças a criação do IPPUC (*Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba*)³³. Ivo Arzua promoveu seminários chamados "Curitiba de Amanhã" em vários bairros da cidade, para discutir o Plano Diretor com todas as instâncias representativas da sociedade. Entre 1971 a 1983, nos dois governos de Jaime Lerner, intercalado por um mandato de Saul Raiz – ambos pertencentes ao ARENA – essas ações foram colocadas na prática.

O projeto de urbanismo humanista procurou transformar a cidade de Curitiba e o curitibano. Segundo o historiador Dennison de Oliveira os urbanistas tinham como objetivo integrar “‘homem no projeto de revitalização dos **valores tradicionais** da cidade’, fazer ‘de cada curitibano um urbanista’ e fazer uma cidade ‘humana’”.³⁴ As realizações do governo de Jaime Lerner das décadas de 1970 a 1990³⁵ acabaram por reintegrar em seu discurso

³² O Plano Diretor de Urbanização de Curitiba, conhecido como Plano Agache, estabeleceu diretrizes e normas técnicas para ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade, disciplinando o tráfego, organizando as funções urbanas, além de coordenar e zonedar as atividades, codificar as edificações, estimulando e orientando desta maneira o desenvolvimento. Disponível em: <http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html>. Acessado em 13 jul. 2009.

³³ Concebido, inicialmente, como Assessoria, vinculada ao então Prefeito Ivo Arzua Pereira, o IPPUC foi transformado em Instituto, através da Lei Municipal nº 2660/65. O IPPUC, que havia participado da concepção e desenvolvimento do Plano Preliminar, passou a detalhar e acompanhar a evolução e implantação do Plano Diretor de Urbanismo. Aprovado em 1966, o Plano delineava as diretrizes de desenvolvimento para Curitiba. Disponível em <www.ippuc.org.br> Acessado em 03 de jul. 2008.

³⁴ OLIVEIRA, Dennison. **Curitiba e ...** p. 56. **grifo meu.**

³⁵ Entre 1893 e 1985 Maurício Fruet foi nomeado prefeito de Curitiba e em 1986 Roberto Requião se elegeu prefeito da cidade. Para Dennison de Oliveira esse intervalo não prejudicou o projeto urbanista de Jaime

uma “nutrir lembranças do passado”³⁶. De forma indireta, as modificações urbanísticas faziam referência ao movimento paranista e a valorização do elemento europeu na formação da Curitiba: o memorial Ucraniano, o memorial Árabe, o bosque Portugal, a praça do Japão, o bosque do Papa, o bosque Alemão³⁷.

O aspecto curioso em toda essa política era sua faceta étnica. Não é preciso muito esforço para se perceber que o essencial da política de patrimônio histórico e de promoção das atividades culturais se remetia recorrentemente a uma parte específica da **memória e da cultura imigrante**. Essa parte era aquela de origem européia (...). Claro que a celebração dos valores alemães, poloneses e italianos – os mais privilegiados pela política vigente – também fazia parte, indiretamente, do processo de ‘modernização’ urbana, pela associação recorrentemente feita na cultura nacional entre **progresso e imigração européia**³⁸.

Em 2001 uma lei municipal³⁹ oficializou como símbolo da cidade o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, localizado na Praça Santos Andrade. Após votação popular, a universidade venceu e passou a ser a símbolo máximo da capital. Dessa forma, o curitibano procurava se remeter a uma *tradição*. Para Arjun Appadurai “entre o panorama de discursos sobre tradição e as sensibilidades e motivações dos atores individuais está um discurso histórico que não sai das profundezas do psiquismo individual ou das brumas (...) da tradição, mas sim do jogo específico, historicamente situado, das opiniões pública e de

Lerner, pois as reformas na cidade atendiam interesses de caráter privado e os compromissos de modernização deveriam ser mantidos, inclusive por políticos de oposição.

³⁶ POUTIGNAT, Philippe.;STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 164.

³⁷ Nesse período nos parece significativa a campanha Bicho do Paraná patrocinada pelo governo do estado em parceria com o extinto Banco Bamerindus. O slogan “eu não gato de Ipanema, sou bicho do Paraná” nos sugere um mecanismo de integração do estado. Bicho do Paraná apresentava as personalidades do estado nos intervalos da programação do horário nobre nas filiais regionais da TV Globo. A campanha começou a partir da eleição direta para governador do estado em 1982. Saiu vencedor o ex-prefeito de Londrina, José Richa do PMDB (pai do atual prefeito Beto Richa). Identificado com os grupos políticos de norte do estado, as realizações de Richa procuraram integrar o Paraná – teoricamente dividido entre ‘paulistas’ e ‘curitibanos’.

A campanha tornou famosa a canção de João Lopes: “Seu motorista toque o carro/Me tire desse lugar/Me leve logo motorista/Pro outro lado de lá/Não vou cortar o meu cabelo, não/Só pra dar o que falar/Eu não sou gato de Ipanema/Sou bicho do Paraná/A vida pra mim na cidade grande/Tá difícil pra danar/A gente que nasceu no mato/No mato tem que morar/No mato a gente se ajeita/Tudo o que se planta dá/Quero voltar pra minha terra/Pro norte do Paraná.”

³⁸ OLIVEIRA, Dennison. *Curitiba e o ...* p. 56.

³⁹ Lei 10236 - 2001. Disponível em: <<http://www.cmc.pr.gov.br/>> Acessado em: 10 jul. 2008

grupos acerca do passado.”⁴⁰ Apesar do marketing e do slogan *capital ecológica* a população rejeitou o Jardim Botânico ou a Ópera de Arame como símbolo de Curitiba. Na medida que toda identidade se faz em relação ao “outro”, os curitibanos desejavam ser associados ao lugar da produção do conhecimento e mostrar ao Brasil e sua *tradição* – como detedores da primeira universidade do Brasil. O paradigma da *capital ecológica* demonstrava sinais de cansaço frente a opinião pública.

Conclusão

No segundo mandato de Cássio Taniguchi (2001 a 2004) as ações da prefeitura procuram conciliar as diversas necessidades dos moradores e busca se consolidar como *capital social*. O discurso da Curitiba branca, européia e de primeiro mundo não conseguiu resistir face a uma nova realidade: crescimento desordenado das áreas metropolitanas em associação a fluxos migratórios de uma população de origem nordestina. Programas de saúde e educação recebem maior destaque pela prefeitura. O governo de Beto Richa segue a mesma tendência em conciliar as múltiplas realidades da cidade.

Curitiba enfrenta agora o desafio de grande metrópole, onde a questão urbana é repensada sob o enfoque humanista de que a cidade é primordialmente de quem nela vive. **Seu povo, um admirável cadinho** que **reuniu estrangeiros de todas as partes do mundo e brasileiros de todos os recantos**, ensina no dia-a-dia a arte do encontro e da **convivência**. Curitiba renasce a cada dia com a esperança e o trabalho nas veias, como nas alvoradas de seus pioneiros.⁴¹

A afirmação retirada do site oficial da prefeitura de Curitiba nos sugere a adoção de um paradigma *multiculturalista* para a aplicação de políticas públicas. Embora o povo curitibano seja definido como um híbrido de etnias européias, a noção de “convivência” não sugere uma interação entre os novos habitantes da cidade – os “brasileiros de todos os recantos”. Curitiba passa a ser concebida como um mosaico sócio-cultural com fronteiras

⁴⁰ APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Editorial Teorema, 2004. p. 193 e 194.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Cidade.aspx?idf=145&servico=39>> Acessado em 03 jul. 2008.

rígidas e intransponíveis. Para Lorenzo Macagno essa postura incide no risco “em não reconhecer que a diferença cultural é fruto de uma invenção permanente na qual as identidades se transformam e se recompõem sem que exista um princípio de estabilidade definitiva.”⁴²

Desde o início do século XX Curitiba presenciou um forte movimento em torno da definição de sua identidade cultural e étnica. Desde então, proliferam-se evidências de uma demanda crescente por ações reafirmadoras, solidificadoras do estatuto de uma cidade que se pensa moderna, elegante, européia. Mais recentemente, Curitiba procura se assumir como um protótipo de cidade *multicultural*. Dessa forma, Curitiba abriga um dualismo *centro-periferia*: o centro se reconhece como o lugar da cultura autêntica e a periferia se associa a experiência cosmopolita⁴³ e impura. A relação *centro-periferia* deve ser compreendida associada aos processos migratórios mais recentes vividos pela cidade. A partir da década de 1970 a população urbana ultrapassou a população rural em níveis percentuais no estado do Paraná⁴⁴. A cidade de Curitiba recebeu grande parte desse contingente populacional. Esses *outsiders* passam a formar uma nova periferia⁴⁵ que não compartilha os mesmos valores culturais dos moradores *estabelecidos* em Curitiba. Assim a construção de alteridade se faz dentro e fora da cidade: o *multiculturalismo da diferença*⁴⁶.

A noção de *um Brasil diferente* se faz presente na auto-imagem da cidade e não deixa de apresentar um caráter mercantil. A tranquilidade, o frio, os parques e as obras urbanísticas do período Lerner são referências para promover o turismo em Curitiba. A construção da identidade curitibana não pode ser compreendida como um projeto cronologicamente linear ou como uma proposta friamente calculada por um grupo de

⁴² MACAGNO, Lorenzo. *Cidadania e cidade (aventuras e desventuras do multiculturalismo)*. Espaço e Debates. São Paulo – v. 23, n. 43-44, jan/dez 2003. p. 53

⁴³ HANNERZ, Ulf. **Conexiones transaccionales: cultura, gente, lugares**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998. p. 103.

⁴⁴ OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2002.

⁴⁵ Embora alguns bairros da cidade mantenham um distância física do centro de Curitiba, eles preservam em si uma autenticidade tributária da imigração européia do fim do século XIX e início do século XX. Entre esses bairros, Santa Felicidade, identificada com a colônia italiana e o Abranches e Barreirinha associados aos poloneses. Sobre a relação de alteridade produzida no interior de uma cidade através de mecanismo de produção de fronteiras simbólicas me inspiro em ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁴⁶ TURNER, Terence. *Anthropology and Multiculturalism: What Is Anthropology that Multiculturalism Should Be Mindful of It?*. **Cultural Anthropology**, 1993.

pessoas⁴⁷. A produção da identidade da capital paranaense se apresentou como um processo de ressignificações e mediações de inúmeros elementos indissociáveis de seus contextos históricos. Segundo Michel Agier “(...) toda declaração identitária, tanto individual ou coletiva (...), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato.”⁴⁸ Nesse sentido, existe uma dificuldade em “separar a cidade real da cidade pensada, imaginada. É possível que essa superposição do real e do imaginário estimule uma tensão, sem solução de continuidade, entre o paradigma da hibrididade e o da pureza cultural”.⁴⁹



A Curitiba provinciana presente nos versos de Dalton Trevisan se perdeu. Curitiba cresceu e com esse crescimento vieram os carros, os prédios, a falta de tempo e o fim do provincianismo. Dalton colocou em palavras a Curitiba *imaginada* por Rocha Pombo, Romário Martins, Brasil Pinheiro Machado, Jaime Lerner e tantos outros forjadores da identidade curitibana. O poeta recusa a “Curitiba oficial enjoadinha ufanista” e como vampiro se fecha em pleno centro da cidade para não presenciar essa nova dinâmica multicultural.

Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo. Curitiba, onde o céu azul não é azul, Curitiba que viajo. Não a Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja. Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça - galiii-nha-óóó-vos - não é a protofonia do Guarani? Um aluno de avental discursa para a estátua do Tiradentes./(...)Curitiba da briosa bandinha do Tiro Rio Branco que desfila aos domingos na Rua 15, de volta da Guerra do Paraguai, esta Curitiba ao som da valsinha Sobre as Ondas do Iapó, do maestro Mossurunga, eu viajo./(...)Não viajo todas as Curitibaas, a de Emiliano, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira do céu azulíssimo; a de Romário Martins em que o índio caraíba puro bate a matraca, barquilhas duas por um tostão; essa Curitiba não é a que viajo. Eu sou da outra, do relógio na Praça Osório que marca implacável seis horas em ponto; dos sinos da igreja dos Polacos, lá vem o crepúsculo nas asas de um morcego; do

⁴⁷ Pensamos especificamente na contribuição de VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

⁴⁸ AGIER, Michel. *op. cit.* p. 10.

⁴⁹ MACAGNO, Lorenzo. *op. cit.* p 53.

bebedouro na pracinha da Ordem, onde os cavalos de sonho dos piás vão beber água./(...)Curitiba, aquela do Burro Brabo, um cidadão misterioso morreu nos braços da Rosicler, quem foi? quem não foi? foi o reizinho do Sião; da Ponte Preta da estação, a única ponte da cidade, sem rio por baixo, esta Curitiba viajo. Curitiba sem pinheiro ou céu azul pelo que vosmecê é - província, cárcere, lar - esta Curitiba, e não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo.⁵⁰

Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2. 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005.

APPADURAI, Arjun (a). **Dimensões culturais da globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.

_____. *Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional*. **Revista Novos Estudos**. n. 49, nov.1997.

ANDREAZZA, Maria L.; TRINDADE, Etelvina M. de C. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

_____. *Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade*. In: GOVERS, Cora; VERMEULEN, Hans. **Antropologia da etnicidade**: para além de *ethnic groups and boundaries*. Lisboa: Edições Fim de Século, 2003.

BAPTISTA, Selma. *Carnaval curitibano: cidadania, cultura popular, etnicidade e políticas públicas de cultura*. 2007. digit.

⁵⁰ TREVISAN, Dalton. *Em busca da Curitiba perdida*. **Mistérios de Curitiba**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1979, pág. 84.

BEGA, Maria Tarcisa S. *Planejamento. Espetáculo e a construção do cidadão consumidor: as imagens de Curitiba*. Curitiba, 1998.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Esculturas públicas em Curitiba e a estética autoritária*. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, 25. nov. 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes - Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2004.

HANNERZ, Ulf. **Conexiones transaccionales**: cultura, gente, lugares. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LOURENÇO, Sônia R. **Poty**: o artesão da gravura. A trajetória de um viajante moderno. Dissertação de Mestrado. PPGAS-UFPR. Curitiba: 2001.

MACAGNO, Lorenzo. *Cidadania e cidade (aventuras e desventuras do multiculturalismo)*. **Espaço e Debates**. São Paulo – v. 23, n. 43-44. jan/dez 2003.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre o fenômeno da aculturação no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial. s/d.

NADALIN, Sérgio O. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

_____. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2002.

OLIVEIRA, Márcio de. *A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000)*. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, 16. jun. 2001.

PEREIRA, Luís Fernando L. **Paranismo** : o Paraná inventado. Cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.

PEREIRA, Magnus. R. de M. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba: Editora UFPR, 1997.

POUTIGNAT, Philippe.;STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

SVARÇA, Décio R. **O forjador**: ruínas de um mito. Romário Martins. (1893-1944). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

TURNER, Terence. *Anthropology and Multiculturalism: What Is Anthropology that Multiculturalism Should Be Mindful of It?*. **Cultural Anthropology**, 1993.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988.